

LETRAMENTO: DA AQUISIÇÃO DO VOCABULÁRIO À LEITURA FILOSÓFICA A PARTIR DA ALEGORIA DA CAVERNA, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sandro Amorim de Carvalho¹

Resumo

Este artigo objetiva apresentar uma metodologia de ensino que auxilie o aluno na aquisição de competências leitoras a partir do diálogo platônico: a Alegoria da Caverna no qual identificamos o vocabulário em seu sentido filosófico, conduzindo o estudante à compreensão do estilo dialógico e estabelecendo a interdisciplinaridade entre a Filosofia e a História de modo que o aluno tenha acesso ao texto filosófico.

Palavras-Chave: Letramento filosófico. Práticas de leituras. Práticas de ensino. Diálogo. Platão.

Resumen

El objetivo de este artículo es proponer una metodología de enseñanza que auxilie al alumno en la adquisición de competencias lectoras a través del diálogo platónico la Alegoría de la Caverna en el cual identificamos el vocabulario en su sentido filosófico, direccionando al estudiante a la comprensión del estilo dialógico y estableciendo la interdisciplinaridad entre la Filosofía y la Historia, para que tenga acceso al texto filosófico.

Palabras Clave: Alfabetización Filosófica. Prácticas de lecturas. Prácticas de enseñanza. Diálogo. Platón.

Introdução

Segundo Nietzsche (2006, p. 14 - 15) o homem moderno perdeu a capacidade de ruminar, isto é, tornou-se incapaz de deter-se sobre um pensamento, de refletir sobre sua realidade ou repensá-la. Ao aplicar esse princípio à leitura no contexto escolar percebe-se que se lê muito e de muitas formas, mas será que o aluno entende o que lê quando se trata de textos ditos acadêmicos? Acreditamos que não, visto que a falta de um arcabouço teórico fundamentado na existência de um vocabulário estruturante a partir do qual o aluno obterá o entendimento do texto que se apresenta a ele impossibilita seu avanço no campo

¹Mestre em História - Programa de Pós-graduação em História - Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) - UFAM - Universidade Federal do Amazonas. Licenciado em Filosofia - UFAM. Bolsista CAPES. E-mail: sandroamorim75@yahoo.com.br

de conhecimento ao qual o texto pertence. Por isto, entendemos que no ensino de Filosofia poderíamos contribuir para o processo de aquisição do conhecimento associando diversos meios para exposição do conteúdo. Tendo como fundamento o texto platônico Alegoria da caverna cremos que é possível realizar um processo de letramento filosófico, que vai da construção do vocabulário filosófico ao desenvolvimento da competência leitora.

Ao identificarmos em nossa atuação diária em sala de aula junto aos alunos do 1º Ano do Ensino Médio do Colégio X que esses apresentam dificuldades em entender o que leem, buscamos metodologias que os auxiliassem a superar essas dificuldades. Por esse motivo vimos na teoria das ideias de Platão um meio que poderia auxiliar na formação da competência leitora de nossos alunos e no processo de construção de conhecimento dos conceitos filosóficos socráticos que ainda figuram em nossa época. Nossa abordagem da temática deu-se através da aplicação do enfoque historiográfico da cultura escrita o que implica o estudo do processo de aquisição de leitura em seu desenvolvimento histórico estabelecido por um diálogo entre as disciplinas de filosofia e de história. Através da história da leitura podemos entender o processo de construção do sentido do texto filosófico observados na apresentação das relações sociais estabelecidas na tríade autor-leitor-texto criadas por novas formas de apresentação do texto.

Filosofia e História: um diálogo importante no processo de aquisição da leitura.

Torna-se impraticável o estudo de qualquer ciência humana se não buscarmos sua construção histórica. Através do conhecimento do contexto histórico-social em que surgiu determinada forma de conhecimento científico podemos entender o desenvolvimento das ciências humanas e de suas formas de interpretar o mundo, em especial no processo de aquisição da leitura e escrita e a interpretação do mundo pelos antigos pensadores ao longo dos anos.

Em relação à Filosofia isto se aplica de modo enfático, pois a reflexão filosófica deve manter um diálogo constante e necessário com sua História, sempre retornando a seus textos clássicos para lembrar sua identidade, atualidade e sentido. Através desse diálogo com sua história a Filosofia permite-se dialogar

consigo e com outros pensamentos constituintes da realidade social. É no contato com os textos filosóficos que se constituem os vocabulários, problemas e estilos do filosofar, porquanto

[...] não é possível fazer Filosofia sem recorrer a sua própria história. Dizer que se pode ensinar filosofia apenas pedindo que os alunos pensem e reflitam sobre os problemas que os afligem ou que mais preocupam o homem moderno sem oferecer-lhes a base teórica para o aprofundamento e a compreensão de tais problemas e sem recorrer à base histórica da reflexão em tais questões é o mesmo que numa aula de Física pedir que os alunos descubram por si mesmos a fórmula da lei da gravitação sem estudar física, esquecendo-se de todas as conquistas anteriores naquele campo, esquecendo-se do esforço e do trabalho monumental de Newton (NASCIMENTO *apud* SILVEIRA, 2000, p. 142).

Portanto, trata-se de um exercício importante o retorno reflexivo, o voltar atrás, aliás, essa arte de ruminar os textos filosóficos que tem sido esquecida em nossos dias, para retomar as palavras do filósofo Nietzsche. Esse exercício de reflexão busca o conhecimento histórico-filosófico. Isso justifica nos voltarmos para o texto do filósofo ao estudarmos a teoria do conhecimento platônica, aproximando-nos de seu modo de escrita e nos familiarizando com o estilo literário empregado por Platão, o diálogo. Estilo literário de aparente acessibilidade, porém, em alguns momentos, de difícil entendimento.

Almejamos aproximar os alunos da leitura filosófica, apoiada por sua historiografia, visto que ler para a filosofia é tarefa necessária e imprescindível. Através da leitura o aluno adquire cultura filosófica e nas aulas de filosofia pode exercitar a reflexão. É através do exercício de reflexão, leitura e interpretação dos textos para além das letras, dos signos ou símbolos, que se busca entender o espírito daquilo que está escrito, busca-se o *espírito*² do texto. Não só identificando signos e realizando uma silabação, mas compreendendo o que o texto nos

² O termo “espírito” aqui é tomado não em sentido religioso, mas no sentido apresentado pela filósofa Hannah Arendt: “a atividade do pensamento – segundo Platão, o diálogo sem som que cada um mantém consigo mesmo – serve apenas para abrir os olhos do espírito” (ARENDDT, 2008. p. 21).

apresenta além de seus períodos e orações, lendo o texto em sua integralidade, em sua intertextualidade, em sua contextualidade fazendo conexões com a realidade que o circunda.

Trabalhar de forma interdisciplinar a filosofia e a história permite-nos integrar duas disciplinas que tratam de assuntos muito próximos e que podem dialogar em benefício do aprendizado dos alunos, pois “a filosofia possui sua própria propedêutica (...), sabiamente escrita nas entrelinhas de sua tradição histórica” (CORNELLI, 2010, p. 50). Ao realizarmos este diálogo, certamente os alunos terão grande proveito em pensar os conteúdos dessas duas disciplinas em conjunto e perceberão que o conhecimento filosófico produzido pela humanidade não se encontra isolado do mundo ou estático ou ainda em outro mundo, mas em constante construção e diálogo com outros saberes humanos, concretos e próximo como o histórico. Para Walter O. Kohan (2003, p. 34 - 35), “através de sua história, a filosofia tem estado sempre ligada ao ensino de si mesma, além de ser ela mesma uma *paidéia* no exercício da crítica (...). O ensino de filosofia não pode prescindir da filosofia” (grifo do autor). Essa ideia concorda com Derrida (1990, p. 153) quando este afirma que a “filosofia repete e reproduz sua própria tradição (...) como *Paidéia* autocrítica em geral”³ (Tradução nossa). Isso implica dizer que o ensino de filosofia está imbricado de tal modo em sua história que não se pode falar de ensino de filosofia sem recorrer aos textos filosóficos.

Esse diálogo estabelecido entre essas duas disciplinas serve de orientação de como proceder no mundo e também é resultado da retomada do já pensado, fato de extrema importância para a Filosofia visto que a reflexão filosófica sustenta-se no diálogo com pensadores do passado que se tornam nossos contemporâneos através de seus textos.

Portanto, apresentamos leituras que podem ser compartilhadas por essas duas disciplinas no intuito de que os alunos possam compreendê-las, interpretá-las e reescrevê-las a partir de suas leituras histórico-filosóficas.

³ La philosophie se répéterait et reproduirait sa propre tradition (...) comme *paideia* de l'autocritique en général.

A atualidade de Platão: do vocabulário à leitura filosófica.

O texto fundamental de nosso trabalho é uma das passagens mais conhecidas da literatura universal a Alegoria da Caverna que se encontra em *A República (Ta Politeia)* de Platão. cremos que esse texto apresenta-se como um campo de aplicações abrangente: educação, política, religião e epistemologia. Se quisermos utilizar uma metáfora poderíamos comparar os ensinamentos da Alegoria a molas comprimidas que ao serem liberadas exercem força sobre tudo que se coloca à sua frente.

Tomemos, portanto, a Alegoria de uma perspectiva filosófica procurando destacar palavras utilizadas no texto platônico que possuam significados diferentes do senso comum ou são termos desconhecidos aos alunos. Nossa intenção nessa trajetória é estabelecer o diálogo gradual e ascendente entre o aluno-leitor e o texto. Visto que “incorporar-se, portanto, na tradição filosófica implica, em um primeiro momento, adotar uma atitude filosófica diante dos textos que documentam essa tradição” (CUNHA, 2009, p. 52). O texto não apenas é o ponto de partida, ele também fundamenta todo o projeto de leitura que aqui apresentamos – isto é, desde o reconhecimento de termos em seu sentido filosófico até a leitura compreensiva do texto.

Em nossa prática docente iniciamos a aula apresentando como introdução uma breve biografia do filósofo Platão. Esse filósofo escreveu diversas obras que abrangem os mais diversos campos do conhecimento humano, dentre elas a que neste momento nos interessa é *A República*, obra que trata de educação, política, economia dentre outros. Nascido em uma família nobre, Platão gozava dos direitos de ser cidadão ateniense. Acerca desses direitos, Aranha e Martins (2009) afirmam que as normas escritas, os direitos e deveres dos cidadãos estão diretamente ligados ao surgimento da pólis com suas normas e organização, pois é na pólis que surge a separação entre o público e o privado e isto significa dizer “que ao ideal de valor de sangue, restrito a grupos privilegiados em função do nascimento ou fortuna, se sobrepunha a justa distribuição dos direitos dos cidadãos como representantes dos interesses da cidade” (Ibidem, p. 39). Percebemos, então, que este modelo de cidadania era limitado aos chamados bem-nascidos, pessoas que

ficavam livres dos trabalhos braçais e de outros afazeres, consentindo-lhes liberdade para dedicarem-se aos problemas e decisões da pólis. Platão pertencia a esse grupo; possuía privilégios que foram aproveitados em prol da Filosofia.

Verificamos de modo breve a estrutura do texto escolhido, o diálogo. Tomamos como ponto de partida as personagens imaginadas por Platão que se encontram acorrentadas em uma caverna sobre o fundo da qual se projetam sombras dos objetos do mundo exterior que eram carregados próximos à entrada da caverna onde se encontrava uma fogueira que iluminava parcialmente o fundo da caverna. A essas sombras os prisioneiros chamavam realidade. Ao libertar-se e sair da caverna um desses prisioneiros depara-se com outro mundo diferente do seu, no início encontra dificuldades para mirar as coisas que o rodeiam, porém, à medida que seus olhos acostumam-se com a luz do Sol ele passa a ver com nitidez os objetos que outrora vira apenas as sombras. Neste mundo ele percebe que aquilo que via no fundo da caverna não passava de falsidades diante do original, sombras imperfeitas de um mundo perfeito. Não depender mais de uma luz artificial (a fogueira que equivale aos artifícios utilizados pelos homens para “explicar” seu mundo e manter-se no estado de ignorância, o mundo da opinião), causa-lhe surpresa e alegria, a luz do Sol permite-lhe ver mais, de início com bastante dificuldade, depois com a surpresa e a alegria de uma criança que descobre outro mundo possível. O ex-prisioneiro deseja, então, compartilhar sua descoberta com seus companheiros de cativeiro, contudo é mal interpretado por eles, é jogado para fora de seu abrigo subterrâneo, expulso de entre aqueles que conhecem meias-verdades, espancado por seus companheiros de cativeiro que resistem a sua insistência em abrir seus olhos para essa nova realidade. Desprovido da companhia de seus companheiros de caverna ele passa a viver adaptando-se e moldando-se a esse novo mundo no qual se insere a cada novo dia de modo gradual.

Esses prisioneiros permanecem assim por entenderem que o conhecimento que possuem compreende tudo o que existe e todo conhecimento possível. São

suas *opiniões*⁴, *projeções* que se apresentam a eles como *reais*, visto que só conhecem aquilo que se lhes apresenta: a isto Platão chama de *mundo sensível* ou *mundo da opinião*, *doxa*. Não lhes chega à mente a possibilidade de existência de outro mundo fora aquela *realidade*. Esses homens sofrem de um dos piores males da existência humana, a *ignorância*, considerada por Platão o pior dos vícios, a mais vil condição humana, da qual ela deve se *libertar* e ser trazida para a luz do *conhecimento real*, chamado por Platão de *mundo inteligível*, no qual se encontram as *formas perfeitas*. Essa passagem da obscuridade, do desconhecimento para a clareza, para o conhecimento pode ser tomada na Filosofia platônica como ascensão da vilania para a justiça, o que demonstra que não há somente uma preocupação epistemológica com o processo de conhecimento, mas também um cuidado ético com aqueles que se encontram aprisionados às *sombras* que se projetam no fundo da caverna e distorcem a *realidade*.

O filósofo vive assim. Alguns morrem por isso, por descobrirem que o mundo pode ser visto de outros modos e ao compartilhar com seus companheiros defrontam-se com uma viagem solitária que vai da simples *aparência* em direção à *essência*. Tomados por loucos e rejeitados tornam-se isolados em seus mundos e criam linguagens que só podem ser entendidas por aqueles que se aventuram em sua leitura. Para Platão *conhecer é lembrar, é re-conhecer, é recordar, é superar as sombras ilusórias de nossa realidade em busca de uma superior, onde estejam as eternas e perfeitas formas e ideias, e não as transitórias e imperfeitas representações*. Entendemos que o conteúdo apresentado nesta alegoria fundamenta multifacetados modos de pensar nossa sociedade. Por isso limitamos nossa discussão ao seu aspecto epistemológico empregando-o no ensino formal de leitura de textos filosóficos.

O diálogo como conversação filosófica: a prática da leitura filosófica.

⁴ Os termos em itálico destacam conceitos fundamentais para o entendimento da teoria do conhecimento platônica.

Nesta seção de nosso artigo apresentamos o desenvolvimento da prática de ensino, ou seja, como ocorreu em sala de aula o processo de construção do vocabulário até sua conclusão com a leitura e interpretação do texto filosófico. O filósofo José Auri Cunha (2009, p. 52) apresenta dois questionamentos pertinentes a esse momento: o primeiro trata acerca da existência de textos especificamente filosóficos; o segundo aborda se existem interpretações de textos não-filosóficos que sejam especificamente filosóficas. Concordamos com Cunha quando este assevera que os textos não-filosóficos estão no cotidiano das pessoas facilitando o acesso a conteúdo filosófico em sua composição, tais como músicas, filmes, etc (CUNHA, 2009, p. 54). Por isso, optamos por iniciar nossas aulas de iniciação à leitura filosófica com textos não-filosóficos, a fim de que pudéssemos inserir gradativamente nossos alunos nesse mundo da leitura.

Dos diversos assuntos tratados na obra *A República* o que nos interessa no momento é sua teoria do conhecimento. Ao abordarmos essa teoria iniciamos a discussão de caráter geral acerca do que trata o conhecimento; buscamos responder questões tradicionais da epistemologia relativas ao conhecimento do mundo, por exemplo: como podemos conhecer o mundo em volta de nós? O conhecimento é possível? O que é verdade? É possível conhecer? O que é conhecimento? Que relação existe entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível? Quais são as possibilidades do conhecimento humano? As respostas apresentadas a essas questões mobilizaram a filosofia em torno de sua principal atividade reflexiva que é a busca do ser humano por significar sua existência e dar sentido a sua humanidade. Nesse momento da aula abordamos de modo propedêutico a teoria do conhecimento.

Ao nos voltarmos então à teoria do conhecimento platônica contextualizamos historicamente nosso pensador. Como recurso para alcançarmos esse objetivo utilizamos os textos não-filosóficos que citamos acima. De início exibimos um breve filme, *Platão*, produzido⁵ pela Univesp – Universidade Virtual do Estado de São Paulo – que expõe de modo resumido o pensamento platônico e o mundo em que o filósofo viveu. A partir desse filme situamos historicamente

⁵ O filme pode ser acessado em <<http://www.youtube.com/watch?v=bK09eEvzpCY>>

nosso personagem e passamos a questionar sua filosofia como produto de seu contexto histórico e se seria diferente caso fosse produzida em outro tempo e outro espaço.

Visto que nossa intenção é formar leitores competentes que compreendam o que leem, optamos por iniciar os alunos em uma construção vocabular e para isto apresentamos slides com a estória em quadrinhos produzida por Mauricio de Souza intitulada “*As sombras da vida*” (SOUZA, 2002). De modo lúdico aproximamos o aluno do texto filosófico. Foi através dessa primeira aproximação que realizamos uma construção de vocabulário, pois acreditamos que seja necessário para a realização da leitura um entendimento claro daquilo que se lê através do entendimento dos conceitos que se encontram no texto filosófico.

Após a apresentação dos quadrinhos abrimos a sessão de debates acerca da percepção que os alunos tiveram durante a exibição da estória, permitindo-lhes elaborar observações iniciais acerca de como nos aproximamos de um texto filosófico para lê-lo e interpretá-lo adequadamente.

Prosseguindo nossa aula utilizamos fragmentos de dois filmes que acreditamos servirem de facilitadores do acesso ao conteúdo filosófico de nosso texto de referência: o primeiro filme foi *Matrix* (1999) e o segundo foi *O mundo de Sofia* (1999). Estes filmes nos mostram, através dos diálogos das personagens e dos olhares de seus diretores, como podemos nos tornar leitores de obras filosóficas e aplicá-las a questões contemporâneas.

Exibindo primeiramente *Matrix*, realizamos uma reflexão sobre os termos *aparência e essência*. Contudo, descrevemos o trecho do filme que destacamos para nossa aula. O filme segue o seguinte enredo:

em um futuro próximo, Thomas Anderson/Neo (Keanu Reeves), um jovem programador de computador que mora em um cubículo escuro, é atormentado por estranhos pesadelos nos quais encontra-se conectado por cabos e contra sua vontade, em um imenso sistema de computadores do futuro. Em todas essas ocasiões, acorda gritando no exato momento em que os eletrodos estão para penetrar em seu cérebro. À medida que o sonho se repete, Anderson começa a ter dúvidas sobre a realidade. Por meio do encontro com os misteriosos Morpheus (Laurence

Número 23: novembro/2014-abril/2015

Fishburne) e Trinity (Carrie-Anne Moss), Thomas descobre que é, assim como outras pessoas, vítima do Matrix, um sistema inteligente e artificial que manipula a mente das pessoas, criando a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. Morpheus, entretanto, está convencido de que Thomas é Neo, o aguardado messias capaz de enfrentar o Matrix e conduzir as pessoas de volta à realidade e à liberdade⁶.

Este filme é bastante conhecido de nossos alunos, sendo este um dos motivos de sua escolha para figurar nessa aula. Através dele discutimos a importância do conhecimento da realidade e para isso conversamos sobre o modo como a filosofia pode influenciar nossa vida social. Destacamos do filme a cena em que Neo, personagem principal da trama, encontra-se com Morpheus, uma espécie de tutor para ele. Durante esse encontro Neo é confrontado com questionamentos relativos a quão real é a realidade que o cerca, enfatizando o momento em que Morpheus confronta Neo com a afirmação de que nascemos em uma prisão, sem cercas ou muros, “uma prisão para a mente”.

Na sequência dessa cena, Morpheus apresenta duas pílulas para Neo, enfatizando que esse deveria fazer uma escolha entre dois caminhos que estavam diante dele: o do conhecimento da realidade, da verdade, do mundo real representado pela pílula vermelha e o caminho da ilusão, da ignorância, do mundo sensível representado pela pílula azul. Dependendo da escolha realizada por Neo ele seria livre de sua prisão ou se manteria nela, seu corpo continuaria preso à *Matrix* e sua mente continuaria recebendo os impulsos ilusórios do computador central. A partir dessas cenas instigamos o debate acerca do dualismo platônico que distingue a essência e a aparência, o mundo sensível e o mundo inteligível e incluímos no debate o questionamento acerca de como podemos conhecer de nossa realidade.

Tomemos agora o filme *O Mundo de Sofia*, baseada no best-seller norueguês homônimo escrito por Jostein Gaarder (1996), que vendeu mais de 20 milhões de livros ao redor do mundo e foi traduzido para mais de 40 idiomas e que

⁶ Fonte da Sinopse: <<http://www.adorocinema.com/filmes/matrix/matrix.asp>>

também levou a produzir uma minissérie. A história gira em torno de Sofia Amundsen que às vésperas de completar 15 anos recebe mensagens anônimas com perguntas intrigantes como "quem é você?" e "de onde vem o mundo?" – perguntas de reconhecido valor para o início da reflexão filosófica. A partir dessas mensagens, ela inicia um processo de interrogação do mundo a sua volta; a realidade vivida por ela é posta em causa e já não está organizada e pronta. Na sua busca por respostas Sofia torna-se aluna do misterioso Alberto Knox, que a acompanha em uma fascinante jornada pela história da filosofia partindo do mito, passando por Sócrates, Platão, Aristóteles entre outros até os dias de hoje. Quanto à questão histórico-temporal, passa pela Antiguidade, Idade Média, o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Russa. Como o livro no qual se fundamenta, a minissérie *O Mundo de Sofia* é uma introdução inteligente, atraente e agradável à história da filosofia, indicada a todos que têm paixão pelo conhecimento e anseio pela sabedoria.

O trecho destacado do filme é o momento em que Platão é apresentado, na ocasião, como discípulo de Sócrates e em seguida como filósofo que impressiona por sua sabedoria e inteligência e que marcará a Filosofia e toda sociedade ocidental. É ele que em um exercício reflexivo propõe a temática abordada em nossa aula, a divisão entre um mundo em que tudo o que percebemos pelos sentidos são representações imperfeitas de formas perfeitas que existem um mundo perfeito conhecido como *topos uranos*, o lugar celeste, o lar das *ideias perfeitas*.

Em um segundo momento buscou-se o adensamento do conteúdo com a leitura dos textos, partindo do mais simples ao mais complexo, cuidando para esclarecer aos alunos o estilo literário adotado por Platão em seus escritos, isto é, o diálogo. Quem lê um diálogo platônico é conduzido em uma viagem diante da conversação de suas personagens; quem lê quase visualiza sua dramatização. O valor é inestimável e como aproximação do processo de filosofar a partir de textos propriamente filosóficos trata-se de excelente exercício – afinal somos naturalmente atraídos pelas conversações dentro da obra, e "(...) as obras filosóficas de Platão retratam, sem exceção, conversações. Todavia, na moldura da conversação também são possíveis longos discursos monológicos" (SZLEZÁK, 2005, p. 37).

Creemos que este formato do texto o torna acessível ao aluno, especialmente àqueles que nunca tiveram contato com textos e temas filosóficos, gerando o aprendizado sistemático e gradativo das belezas e prazeres que uma leitura filosófica pode oferecer.

No encontro seguinte, partimos para uma teorização mais aprofundada do tema. Nele procedemos à leitura do texto escrito por Platão que se encontra na obra *A República* em seu sétimo livro, esclarecendo que o título “a alegoria da caverna” não figura no texto, mas é inferido a partir de seu conteúdo. Optamos por utilizar nessa aula duas edições do texto. A primeira trata-se de uma edição acadêmica produzida pela Editora Calouste Gulbekian de Lisboa. O primeiro motivo da escolha desta edição é a cuidadosa tradução da língua original, o grego clássico, para o português; o segundo é o prestígio que essa Fundação frui no meio acadêmico. A segunda obra escolhida para a leitura foi da Editora Escala Educacional, da Série Filosofar. O motivo da escolha dessa edição é a adaptação da linguagem ao público a quem nos destinamos, jovens entre 14 e 15 anos de idade.

Mais uma vez, destacamos os aspectos do texto esclarecendo sua estrutura dialógica. O texto é construído em forma de diálogo e as palavras empregadas nele são importantes, pois elas são retiradas do senso comum e aplicadas a conceitos filosóficos, exercício que realizamos com os alunos como iniciação em uma leitura filosófica. Ao comentar o procedimento de Sócrates nas ruas de Atenas o filósofo Alexandre Koyré (1988, p. 11) ressalva o que ele chama de lição de método, pois para ele o filósofo

Sócrates ensina-nos o uso e o valor das definições precisas dos conceitos empregues na discussão e a impossibilidade de os chegarmos a possuir sem proceder, previamente, a uma revisão crítica das noções tradicionais, das concepções ‘vulgares’, recebidas e incorporadas na linguagem. Por isso, o resultado, aparentemente negativo, da discussão é de um valor extremo. É, com efeito, muito importante saber que não se sabe; que o senso e a língua comuns, embora formem o ponto de partida da reflexão filosófica, são apenas o seu ponto de partida; e que a

discussão dialéctica tem justamente por finalidade ultrapassá-los e superá-los.

Vemos, portanto, a necessidade de uma construção vocabular estruturante antes de iniciar o aluno na leitura propriamente dita do texto filosófico, a busca pelo entendimento dos termos empregados pelo filósofo é importante, especialmente separando-os do senso comum. Tendo o senso comum como ponto de partida, mas não de permanência, busca-se a superação dos significados comuns atribuídos aos termos, e isto é vital para uma leitura compreensiva do texto filosófico. Iniciamos com o termo, mas não nos prendemos a ele: buscamos entendê-lo, significá-lo e interpretá-lo para, a partir deste ponto, constituirmos nossa competência leitora.

Considerações finais

Caminhando para o encerramento das aulas fizemos a verificação do aprendizado de nossos alunos inquerindo acerca de como esse pensador influenciou e influencia nossa cultura e sociedade apresentando perguntas para aprofundamento do tema. Acreditamos que se ensinarmos nossos alunos a ler de modo que possam entender o que estão lendo, nossas aulas terão maior importância para eles, isto é, estarão para além de um conteúdo sem ligação com a realidade que serve somente para fazer uma prova.

Creemos que, ao trilharmos o caminho proposto para as aulas e a apresentação do material, estaremos contribuindo para o aprendizado de nossos alunos. Podemos almejar um aprendizado significativo aplicado em sentido amplo e para além do cognitivo. Queremos formar cidadãos que sejam conscientes de seus direitos e deveres. Hoje rapazes e moças, amanhã homens e mulheres imbuídos de senso crítico, capazes de cooperar com nossa sociedade para torná-la mais justa e igualitária. Pode ser utópico (ou atópico), mas como educadores que somos precisamos sonhar e nos engajar para que o sonho torne-se realidade, não ilusória nem mascarada.

Acreditamos que ensinar a ler de modo compreensivo um texto filosófico dará meios para que o aluno leia outros textos e o próprio mundo. Como dissemos, queremos contribuir para a formação de leitores que ultrapassem o texto e percebam nas entrelinhas significados mais profundos que só o leitor proficiente pode acessar. O senso crítico adquirido através de uma leitura atenta é exercitado a cada leitura e aguçado por meio das interpretações. A experiência aqui relatada é somente uma das multifacetadas formas de ensinar filosofia ou história e também outras disciplinas. É uma experiência de ensinar para a vida, e não apenas para um exame.

Referências

- ABRIL CULTURAL. **Platão**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARANHA, Maria Lúcia DE Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2009.
- ARENDT, Hannah Arendt. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CORNELLI, Gabriele. História da filosofia antiga: começar pelo diálogo. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (coord.). **Filosofia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 45-58. (Coleção Explorando o Ensino, v. 14).
- CUNHA, José Auri. **Iniciação à investigação filosófica: um convite ao filosofar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- DERRIDA, Jacques. **Du droit à la philosophie**. Paris: Galilée, 1990.
- KOHAN, Walter Omar. O ensino da filosofia frente à educação como formação. In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (orgs.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 33-49.
- KOYRÉ, Alexandre. **Introdução à leitura de Platão**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- MATRIX. Direção: Lana Wachowski; Andy Wachowski. Produção: Joel Silver. EUA/ Austrália. Warner Bros. 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- O MUNDO de Sofia (Sofies verden). Direção: Eric Gustavson. Produção: Erik Gustavson. Noruega / Suécia. Versátil. 1999.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Escala Editorial, 2006. Parte II (Série Filosofar)

PLATÃO. **A República**. 10^a. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

SILVEIRA, René. Um sentido para o ensino de Filosofia no ensino médio. In: GALLO, Sílvio & KOHAN, Walter Omar. (orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, Vol. VI, 2000, p. 129-148.

SOUZA, Maurício de. **As sombras da vida**. 2002. Acessível em: <<http://www.monica.com.br/comics/piteco/pag1.htm>>. Acesso em: 12 Junho 2013.

SZLEZÁK, Thomas Alexander. **Ler Platão**. São Paulo: Loyola, 2005.

Recebido em 02/09/2014
Aprovado em 09/02/2015